

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

JULIANA CARDOSO STUM

**CARACTERÍSTICAS DOS PROPRIETÁRIOS E
NÃO-PROPRIETÁRIOS DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Porto Alegre

2018

JULIANA CARDOSO STUM

**CARACTERÍSTICAS DOS PROPRIETÁRIOS E
NÃO-PROPRIETÁRIOS DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia,
apresentado à Universidade do Rio Grande do Sul -
UFRGS, como requisito à obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cláudia Hofheinz Giacomoni.

Porto Alegre

2018

JULIANA CARDOSO STUM

**CARACTERÍSTICAS DOS PROPRIETÁRIOS E
NÃO-PROPRIETÁRIOS DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Conceito Final: _____

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dra. Tatiana Quarti Irigaray
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Cláudia Hofheinz Giacomoni
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora Orientadora – Presidente da Banca Examinadora

Porto Alegre, ____ de _____ de _____

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a minha família pelo apoio incondicional, incentivo, amor e carinho. Amo vocês.

Aos meus amigos e colegas, por dividirem comigo alegrias e angústias nesses anos de graduação, em especial Kaena Garcia Henz e Vincent Goulart (meus irmãos de coração), Fernando Pezzini Rebelatto e Leonardo Finamor, que estiveram ao meu lado durante toda a graduação me dando apoio, e com os quais aprendi muito como pessoa e profissional. Amo vocês.

Aos profissionais excepcionais que tive a honra e a alegria de conhecer nas experiências de estágio e em sala de aula. Em especial, gostaria de agradecer às mestres que tanto me inspiram pessoal e profissionalmente: Claudia Giacomoni, Denise Yates, Clarissa Trentinni e Denise Bandeira.

Aos meus pacientes, que confiaram em mim e contribuíram para minha formação. O trabalho diário com vocês fez com que eu confirmasse minha paixão pela profissão.

A minha terapeuta Catia Torres dos Santos, que modificou para melhor a minha forma de ver o mundo e me fez acreditar ainda mais no trabalho do psicólogo.

A minha orientadora, Claudia, por ter acolhido prontamente minha ideia de pesquisa, pelos ensinamentos e o incentivo.

A comentadora deste trabalho, que possui uma trajetória de pesquisa sobre a interação humano-animal, Tatiana Quarti Irigaray.

Ao Fabio Spricigo Coser e a Juliana Burges Sbicigo, que gentilmente me ajudaram nas análises estatísticas.

A todos(as) os(as) participantes deste estudo, que valorizam a ciência e contribuíram para esta pesquisa.

As minhas três cadelinhas que fazem a minha vida e a da minha família mais alegre todos os dias, e que inspiraram o tema deste trabalho.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo comparar a prevalência de sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo entre proprietários e não-proprietários de animais de companhia. Além disso, buscou verificar se o grau de apego ao animal se relacionava com sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo. Os animais de companhia, animais de estimação ou “*pets*” vêm ganhando espaço e importância nas famílias brasileiras. Pesquisas apontam os animais de companhia como fontes importantes de apoio social, proporcionando benefícios psicológicos para seus donos, como aumento do bem-estar e diminuição de sintomas depressivos. Porém, estudos afirmam que o apego entre os donos e seus animais é essencial para que os benefícios ocorram. No Brasil, estudos sobre o tema são escassos. Ademais, alguns resultados sobre os benefícios dessa relação são controversos, sendo necessários estudos para corroborá-los. Neste estudo exploratório, participaram 661 voluntários, sendo 541 proprietários e 120 não proprietários de animais de companhia, de ambos os sexos, maiores de 18 anos. Foram utilizadas escalas para avaliar apego (LAPS - *Lexington Attachment to Pets Scale*), sintomas depressivos (CES-D - *Center for Epidemiologic Studies – Depression*), suporte social (2-WAY SSS – *2 - Way Social Support Scale*) e bem-estar subjetivo (EMSV - *Escala Multidimensional de Satisfação de Vida*), em um questionário online. Os resultados das análises de comparações entre grupos indicaram que os proprietários de animais de companhia apresentam maior percepção de suporte social se comparados aos não proprietários. Além disso, os donos que mostraram maior apego ao seu animal de estimação revelaram menos sintomas depressivos comparados aos donos com menor vínculo com o animal.

Palavras-chave: Animal de companhia, Pets, Características psicológicas

Abstract

The present study aimed to compare the prevalence and depressive symptoms, perception of social support and subjective well-being among owners and non-owners of companion animals. In addition, it sought to verify if the degree of attachment to the animal was related to depressive symptoms, perception of social support and subjective well-being. Companion animal or pets are gaining space and importance in Brazilian families. Research has pointed to companion animals as important sources of social support, providing psychological benefits to their owners, such as increased well-being and decreased depressive symptoms. However, studies claim that attachment between owners and their animals is essential for the benefits to occur. In Brazil, studies on the subject are scarce. In addition, some results on the benefits of this relationship are controversial, and studies are needed to corroborate them. In this exploratory study, 661 volunteers participated, of which 541 were owners and 120 non-owners of companion animals of both gender, over 18 years of age. Scales were used to evaluate attachment (LAPS - Lexington Attachment to Pets Scale), depression (CES-D - Center for Epidemiologic Studies – Depression), social support (2-WAY SSS – 2 - Way Social Support Scale) and subjective well-being Scale in an online questionnaire. The results of analyzes of comparisons between groups indicated that pet owners present greater perception of social support compared to non-owners. In addition, owners who showed greater attachment to their pet revealed fewer depressive symptoms compared to owners with less attachment to the animal.

Keywords: Companion animal, Pets, Psychological characteristics

Sumário

Resumo.....	4
Abstract.....	5
1. Introdução.....	7
1.1. O “efeito <i>pet</i> ”.....	7
1.2. Animais de companhia.....	8
1.3. Bem-estar subjetivo.....	9
1.4. Sintomas depressivos.....	9
1.5. Suporte social.....	10
1.6. Apego.....	11
2. Justificativa e Objetivos.....	12
3. Método.....	13
3.1. Amostra.....	13
3.2. Instrumentos.....	13
3.2.1. <i>LAPS - Lexington Attachment to Pets Scale</i>	13
3.2.2. <i>CES-D - Center for Epidemiologic Studies – Depression</i>	13
3.2.3. <i>2-WAY SSS - 2-Way Social Support Scale</i>	14
3.2.4. <i>EMSV - Escala Multidimensional de Satisfação de Vida</i>	14
3.3. Procedimentos.....	14
3.4. Questões éticas.....	15
3.5. Análise dos dados.....	15
4. Resultados.....	17
5. Discussão.....	19
6. Limitações e Estudos Futuros.....	22
7. Conclusão.....	23
Referências.....	25
Anexo A.....	31
Anexo B.....	32
Anexo C.....	36
Anexo D.....	39
Anexo E.....	41
Anexo F.....	42

1. Introdução

1.1. O “efeito *pet*”

Os animais de companhia, também chamados de animais de estimação, animais domésticos ou “*pets*” vêm ganhando mais espaço dentro das famílias brasileiras, acompanhando uma tendência mundial. Proprietários de animais de estimação dedicam uma considerável quantidade de tempo, energia e dinheiro em cuidados com seus animais, investindo em uma relação que eles acreditam que podem lhes trazer benefícios. Essa relação entre espécies pode ser tão satisfatória e intensa que grande parte dos donos comparam seu animal a membros da família (Carlisle-Frank & Frank, 2006). Apesar do relacionamento humano-animal estar presente na vida de tantas pessoas, os estudos sobre o tema ainda são escassos no Brasil, que é o quarto maior país em número de animais de companhia e segundo maior em número de cães, gatos e aves canoras e ornamentais (IBGE, 2013).

A idéia de que viver com um animal pode melhorar a saúde humana é conhecido como o “efeito *pet*” (Allen, 2003). Essa hipótese é reforçada por pesquisas que apontam que os animais de companhia podem servir como fontes importantes de *apoio social* (McConnell, Brown, Shoda, Stayton & Martin, 2011), proporcionando benefícios psicológicos e/ou físicos para seus donos (McConnell et al., 2011; Friedmann, Katcher, Lynch, & Thomas, 1980; Shiloh, Sorek, & Terkel, 2003), como aumento do *bem-estar* (Kanat-Maymon, Antebi & Zilcha-Mano, 2016; McConnell et al., 2011; Budge, Spicer, Jones, & St. George, 1998), menos visitas anuais ao médico (Headey & Grabka, 2006), diminuição de *sintomas depressivos* (Garrity, Stallones, Marx, & Johnson, 1989; Siegel, Angulo, Detels, Wesch, & Mullen, 1999), redução da ansiedade (Budge et al., 1998; Wilson, 1991) e do estresse (Allen, Blascovich, & Mendes, 2002).

Porém, estudos afirmam que o apego entre os donos e seus animais é essencial para que os benefícios dessa relação possam ocorrer (Garrity et al., 1989). A proposta deste estudo é uma pesquisa descritiva que compara a prevalência de sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo entre proprietários e não-proprietários de animais de companhia. Além disso, buscou verificar se o grau de apego ao animal se relacionava com sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo.

1.2. Animais de companhia

O termo “animal de companhia” ou “animais de estimação” tem essa denominação para diferenciar esses animais de outros, segundo suas relações com os seres humanos. São três os critérios que estabelecem essa diferença: animais de estimação podem viver dentro de nossas casas, recebem nomes e nunca servem de alimento para outro animal (Thomas, 1983).

Há hipóteses que tentam explicar como se deu essa aproximação dos humanos e animais. Por exemplo, uma possibilidade é que, durante a pré-história humana, as adolescentes cuidassem de animais jovens para indicar que poderiam ser boas mães. Além disso, o fato de alguns indivíduos contarem com animais para caçar e auxiliar no pastoreio pode ter-lhes dado uma vantagem evolutiva, que levou seus descendentes a continuarem domesticando animais (Bradshaw & Paul, 2010).

Ademais, questões individuais de certos animais podem ter favorecido a escolha de alguns para serem domésticos em detrimento de outros. Um estudo mostrou que, durante o processo de domesticação, os cães, por exemplo, foram selecionados por conta de um conjunto de habilidades sócio-cognitivas que lhes permitiu se comunicarem com os seres humanos; lobos que foram criados por humanos, por exemplo, não possuem essa habilidade que cães muito novos já manifestam (Hare, Brown, Williamson, & Tomasello, 2002).

Evidências arqueológicas mostram que os seres humanos possuem uma relação de cumplicidade com os animais desde os tempos primórdios. Cães e gatos são, atualmente, os mais escolhidos como animais de estimação, no mundo. Os primeiros exemplos evidentes de cães domesticados vêm do Oriente Próximo há 12.000 atrás (Davis & Valla, 1978), onde cães enterrados com humanos foram encontrados em Hayonim Terrace (Tchernov & Valla, 1997; Mithen, 1999). Sobre os gatos, há evidências arqueológicas indicando que os primeiros relacionamentos mais próximos entre felinos e humanos se deram há 9.500 anos atrás, visto que um gato selvagem foi encontrado enterrado ao lado de um humano em Chipre, por volta desse período (Vigne, Guilaine, Debue, Haye & Gérard, 2004). Embora não haja consenso sobre o período inicial da sua domesticação, os primeiros gatos de estimação conhecidos foram encontrados na arte egípcia de 4.000 anos atrás (Faure & Kitchener, 2009). Provavelmente as primeiras aproximações entre humanos e gatos aconteceram porque estes animais caçavam roedores, e mantinham estes animais longe dos grãos dos agricultores (Hu et al., 2013).

1.3. Bem-estar subjetivo

O bem-estar pode estar associado a presença de animais de estimação (Kanat-Maymon et al., 2016). O bem-estar subjetivo é um conjunto de avaliações emocionais e cognitivas que as pessoas fazem sobre suas vidas, sendo popularmente chamada de felicidade, paz, realização e *satisfação com a vida*, que pode variar de acordo com a personalidade de cada indivíduo e a cultura onde está inserido (Diener, Oishi & Lucas, 2003). Por exemplo, no estudo de Giacomoni (2002), realizado no contexto brasileiro, que investigou o conceito de felicidade, indicadores de qualidade de vida e os mais relevantes eventos positivos e negativos da vida infantil, alguns domínios foram acrescentados ao Modelo Multidimensional de Satisfação de Vida Infantil, tais como a não-violência, satisfação de necessidades básicas e de desejos. Outros domínios que já constavam no modelo de Huebner (1994) foram mantidos, tais como a família, escola, *self* e amizade. Ou seja, diferenças individuais e culturais impactam na forma como a população percebe o bem-estar subjetivo.

A satisfação com a vida pode afetar diretamente a saúde das pessoas. A Organização Mundial da Saúde entende saúde como um estado que engloba bem-estar físico, mental e social (Organização Mundial da Saúde, 1946), considerando o bem-estar psíquico como interligado com as outras manifestações de satisfação de vida. Estudos corroboram a ideia de que o bem-estar pode reforçar diretamente o funcionamento imunológico e diminuir o impacto do estresse (Howell, Kern & Lyubomirsky, 2007).

1.4. Sintomas depressivos

A depressão é a quarta maior causa de incapacidade física e mental no mundo, e estima-se que mais de 300 milhões de pessoas vivem com o transtorno, segundo a Organização Mundial da Saúde (2017). Os casos de morte que foram motivadas por questões resultantes de episódios depressivos cresceram 705% no país em 16 anos (Departamento de Informática do SUS, 2012).

Há uma série de manifestações físicas, psíquicas e comportamentais associadas à depressão. Segundo o DSM, os sintomas depressivos incluem humor deprimido, diminuição do interesse ou prazer em quase todas as atividades diárias, alterações de apetite e de sono, agitação ou retardo psicomotor, fadiga ou perda de energia, sentimentos de inutilidade, alteração de atenção e pensamentos recorrentes de morte, causando prejuízo funcional global na vida do sujeito (American Psychiatric Association, 2014). O Transtorno Depressivo Maior geralmente apresenta um curso crônico e intermitente, e possui alta comorbidade com

distúrbios de ansiedade, como o Transtorno de Ansiedade Generalizada (Andrade et al., 2003; American Psychiatric Association, 2014). Além de fatores genéticos que contribuem para um quadro depressivo, o estresse (Scorza, Guerra, Cavalheiro & Calil, 2005) e menor suporte e engajamento social (Hopp, Shallcross, Ford, Troy, Wilhelm & Mauss, 2013) aumentam as chances de desenvolvimento do transtorno.

1.5. Suporte social

Caplan (1974), Cassel (1976) e Cobb (1976) foram os pioneiros em estudos para a investigação e definição do termo suporte social (Ornelas, 1994). O suporte social está relacionado a forma como o sujeito percebe que é cuidado, amado, estimado e pertence a uma rede de comunicações e obrigações seguidas por todos (Cobb, 1976). Essa definição ficou conhecida, posteriormente, como “suporte emocional” (Thoits, 1982). Alguns anos mais tarde, Thoits (1982) percebe que o suporte social, da forma como foi operacionalizada por Cobb (1976), era insuficiente para descrever o construto. Thoits (1982), então, acrescenta a ideia de que, além do suporte emocional, a ajuda instrumental ou prática que recebemos das outras pessoas também deveria ser incluída no conceito de suporte social, incluindo o conceito de suporte instrumental. Por último, é acrescentado o conceito de suporte informacional. Sendo assim, as definições de suporte social mais estudadas são: emocional, instrumental e informacional (Rodriguez & Cohen, 1998; Cohen, 2004; Gomide, Guimarães, & Damásio, 2004; Siqueira & Gomide, 2008).

O suporte emocional está mais relacionado com o conceito de suporte social de Cobb (1976), que seria a percepção do quanto o sujeito sente-se amado, valorizado, protegido e pertencente a um grupo social. O suporte instrumental ao auxílio prático que o sujeito tem disponível, relacionando-se por vezes com auxílio financeiro ou ajuda para realizar tarefas do dia-a-dia. O suporte informacional está mais ligado com receber das outras pessoas informações que podem ajudar o sujeito a tomar decisões (Bastianello, 2015).

Embora o componente estrutural seja importante, a dimensão funcional do suporte social tende a ser o melhor preditor de saúde e bem-estar (Hupcey, 1998). A dimensão funcional está organizada em duas dimensões: suporte social percebido (aquele que a pessoa pressupõe que pode contar se necessitar) e suporte social recebido ou fornecido (aquele que o sujeito relata estar recebendo ou já ter recebido de fato) (Bastianello, 2015; Shakespeare-Finch, & Obst, 2011).

O suporte social pode impactar a saúde das pessoas de diversas formas, além de auxiliar a manter relações íntimas com os outros. Por exemplo, pode minimizar o estresse ocorrido após um evento traumático (Platt, Lowe, Galea, Norris & Koenen, 2016), ajuda a prevenir doenças (Fratiglioni, Want, Ericsson, Mayyton, & Winblad, 2000) e previne transtornos depressivos (Stice, Ragan, & Randall, 2004).

1.6. Apego

Bowlby defendeu a ideia de que os bebês têm uma tendência inata para o contato com um ser humano, resultando “necessidade” de um objeto independente do alimento, tão primária quanto a “necessidade” de alimento e conforto (Bowlby, 1969/1990 apud Ramires & Schneider, 2010). Para Bowlby, as primeiras relações entre a criança e seus cuidadores podem representar um tipo de vínculo intitulado por ele de “apego”, que estabelece um modelo interno para a criança de como são os relacionamentos íntimos entre as pessoas e poderá influenciar o modo como ela irá se relacionar com os outros, posteriormente (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). O apego se diferencia pela forma como se dão as primeiras relações de cuidado. Segundo a literatura, ele pode ser organizado em apego seguro, inseguro evitativo e inseguro ambivalente ou resistente (Ramires & Schneider, 2010).

Animais de estimação podem servir como figuras de apego para os proprietários (Zilcha-Mano, Mikulincer, Shaver, 2011; McNicholas et al., 2005; Podberscek, Paul, & Serpell, 2000). Um animal de companhia é um objeto natural de apego, sempre prontamente disponível, ativo e carinhoso (Levinson, 1969), e o grau de apego pode variar de acordo com o gênero e a faixa etária (Martins, Pieruzzi, Santos, Brunetto, Fruchi, Ciari, Luppi, & Zoppa, 2013). A relação entre apego e os possíveis benefícios de se ter um animal de companhia também não é tão explorada pela literatura.

2. Justificativa e Objetivos do Estudo

Os animais de estimação desempenharam um papel importante na minha família, promovendo alegria, cumplicidade e carinho. Escolhi especificamente esse tema, pois engloba um interesse pessoal e diversos aspectos emocionais e psicossociais estudados ao longo da graduação.

Além disso, apesar de supormos que a relação dos humanos com animais domésticos traga benefícios aos donos, há poucos estudos que investiguem essa associação. No Brasil, por exemplo, que é o quarto maior país em número de animais de companhia, e segundo maior em número de cães, gatos e aves canoras e ornamentais (IBGE, 2013) os estudos nessa área são escassos. Ademais, alguns resultados sobre os benefícios de se ter animais de estimação são controversos (Herzog, 2011), sendo necessários mais estudos para comprová-los.

Por outro lado, há estudos que mostram que os animais de estimação também podem não beneficiar seus donos. Estudos mostram que donos de cães teriam pior saúde física e mais sintomas depressivos comparados aos não-donos (Parslow, Jorm, Christensen, & Rodgers, 2005). Além disso, pesquisas mostram que pessoas avaliadas seis meses depois de ter adquirido um animal de companhia sentiam-se tão solitárias quanto antes e não eram mais felizes do que os não-donos (Gilbey, McNicholas, & Collis, 2007).

O objetivo era comparar a prevalência de sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo entre proprietários e não-proprietários de animais de companhia. Além disso, buscou-se verificar se o grau de apego ao animal se relacionava com sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo.

3. Método

3.1. Amostra

A pesquisa obteve, inicialmente, 986 participantes. Os critérios de inclusão eram ter mais de 18 anos e possuir *pets* (no mínimo um cão e/ou um gato) ou não possuir *pets*. Destes, 51 foram excluídos por não concordarem com o Termo de Consentimento; 221 foram excluídos porque não preencheram todas as escalas; 34 foram retirados do estudo por terem informado uma idade inferior a 18 anos e 19 participantes foram excluídos por apresentarem escores extremos. Os escores extremos foram calculados mediante o escore Z de cada escala, onde valores acima de 3 desvios-padrão foram excluídos. No total, foram 661 respostas válidas.

Participaram do estudo 661 indivíduos (média de idades=31,29; $DP=10,32$), sendo 85% do gênero feminino, de diversos estados brasileiros. Destes, 541 participantes (81,8% da amostra) eram proprietários de animais de companhia, e 120 (18,2% da amostra) indivíduos não proprietários de animais. Sobre os animais, 125 indivíduos alegaram ter apenas cães, 310 apenas gatos e 106 cães e gatos. Além disso, alguns participantes relataram ter outros animais além desses citados, como tartaruga, jabuti, chinchila, coelho, peixe, *hamster*, porquinho da Índia, pássaro, cavalo e cobra.

3.2. Instrumentos

Foram coletadas informações (Anexo A) sobre os participantes, tais como gênero e idade, se têm ou não animal de estimação e, em caso afirmativo, quantos, qual o tipo e há quantos anos tem o *pet* com quem está a mais tempo. Para avaliar as variáveis apego, sintomas depressivos, suporte social e bem-estar subjetivo foram utilizados os instrumentos abaixo:

3.2.1. LAPS - *Lexington Attachment to Pets Scale* (Anexo B)

Esta escala, desenvolvida por Johnson, Garrity e Stallones (1992) e adaptada para o contexto brasileiro por Martins e cols. (2013), é um instrumento para avaliação do grau de apego de proprietários com os seus cães e gatos, sendo um importante recurso para o estudo da influência dos animais em diferentes fatores físicos e psicossociais dos humanos (Martins

et al., 2013). O instrumento é composto por 23 itens respondidos em uma escala tipo Likert de quatro pontos. No estudo original do instrumento, o alfa de Cronbach para as subescalas do instrumento variou entre 0,80 e 0,90 (Johnson et al., 1992).

3.2.2. CES-D - Center for Epidemiologic Studies – Depression (Anexo C)

A escala Center for *Epidemiologic Studies Depression* (CES-D; Radloff, 1977) é muito utilizada para a avaliação de sintomas depressivos (Thomas & Brantley, 2004). Esta escala possui diversos estudos de validade na população brasileira (Filho & Teixeira, 2011; Schestatsky, 2002; Batistoni, Neri, & Cupertino 2010). A CES-D mensura a frequência de acontecimento de 20 indicadores do quadro depressivo em uma estrutura de quatro fatores principais: afetos positivos, depressão, aspectos somáticos ou atividade reduzida e problemas interpessoais (Filho & Teixeira, 2011), avaliados em uma escala Likert de quatro pontos. Em um estudo brasileiro, a CES-D apresentou coeficiente alfa de Cronbach, de 0,90 (Schestatsky, 2002).

3.2.3. 2-WAY SSS - 2-Way Social Support Scale (Anexo D)

Esta escala foi desenvolvida por Shakespeare-Finch e Obst (2011), e validada para o contexto brasileiro por Bastianello (2015). O instrumento mensura suporte social admitindo seus dois elementos (dar e receber), contemplando, assim, quatro fatores: 1) dar suporte emocional, 2) dar suporte instrumental, 3) receber suporte emocional, e 4) receber suporte instrumental (Shakespeare-Finch & Obst, 2011; Bastianello, 2015). A escala é do tipo Likert e varia de 0 (nada) a 5 (sempre). No estudo de validação brasileiro, a escala apresentou alfas de Cronbach que variaram de 0,80 a 0,93.

3.2.4. EMSV - Escala Multidimensional de Satisfação de Vida (Anexo E)

O bem-estar subjetivo é composto por três fatores, que se relacionam entre si: o afeto positivo, o afeto negativo e a satisfação de vida (Diener 1984, 1994). Os afetos positivos e negativos são estabelecidos por respostas afetivas, e a satisfação de vida é avaliada por uma resposta cognitiva, que pode ser realizada de forma global (Giacomoni & Hutz, 2008). No

estudo nacional, a escala apresentou alfa de Cronbach 0,87, demonstrando uma consistência satisfatória (Silva, Giordani & Dell'Aglio, 2017).

3.3. Procedimentos

Realizou-se a coleta de dados online, utilizando-se o site próprio para construção de questionários em formato online *SurveyMonkey*, acessado pelo link <https://pt.surveymonkey.com/>. Num mesmo acesso os participantes deveriam responder todos os instrumentos. O convite para participação da pesquisa foi divulgado no *Facebook*. Foram descartados os dados de qualquer pessoa que respondeu as escalas, mas que não estava dentro dos critérios de inclusão desta pesquisa.

Primeiramente o participante respondeu aos itens das Informações Gerais. Caso o participante marcasse afirmativamente a opção “Você tem um animal de estimação?”, ele era direcionado em seguida para mais algumas perguntas dentro das Informações Gerais, incluindo a pergunta dissertativa “Quais os benefícios que seu animal de estimação trouxe para você?”; além disso, a próxima escala que esse participante responderia era a *Lexington Attachment to Pets Scale*; em seguida seria a *Center for Epidemiologic Studies – Depression, 2-Way Social Support Scale* e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida. Caso o participante respondesse negativamente a opção “Você tem um animal de estimação?”, ele seria direcionado diretamente para responder a *Center for Epidemiologic Studies – Depression, 2-Way Social Support Scale* e a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida. A ordem dos instrumentos foi escolhida de forma aleatória.

3.4. Questões éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da universidade, (no do parecer: 2.717.588; CAAE: 89738518.0.0000.5334). Foram obtidas assinaturas em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo F) de cada participante antes de responderem aos instrumentos de pesquisa. O sigilo das informações e a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum, eram assegurados. A equipe pesquisadora e o Núcleo de Estudos em Psicologia Positiva (NEPP) ficaram à disposição para fornecerem esclarecimentos sobre a pesquisa

desenvolvida, bem como de seus resultados, sendo disponibilizado telefone e e-mail para contato no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.5. Análise dos dados

As médias, desvios-padrão, medianas e intervalos interquartílicos (IIQ) dos dados foram calculados usando o SPSS Statistics para Windows, versão 22.0 (SPSS Inc., Chicago IL, USA). Como os dados não apresentaram distribuição normal foi usada estatística não paramétrica.

O teste de *Mann-Whitney* foi utilizado para avaliar as possíveis diferenças entre os grupos de proprietários e não proprietários de animais de companhia, em relação aos sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo. Para verificar diferenças (Teste de *Mann-Whitney*) entre indivíduos com maior e menor nível de apego nas variáveis de sintomas depressivos, suporte social e bem-estar subjetivo, a variável apego aos animais de estimação foi dividida no percentil 50 (61 pontos) para definir grupos. Para dimensionamento dos níveis de magnitude do efeito (d) das diferenças, utilizou-se o cálculo desenvolvido por Cohen (1988) adaptado por Fritz, Morris e Richler (2012) para testes não paramétricos.

4. Resultados

As medianas e intervalos interquartílicos (IIQ) dos grupos de proprietários e não-proprietários de animais de companhia nas variáveis de sintomas depressivos, percepção de suporte social e satisfação de vida são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1:

Medianas e IIQ's^a dos grupos de proprietários e não-proprietários de animais de companhia

Variáveis	Medianas	Medianas
	IIQ	IIQ
	Grupo de Proprietários	Grupo de Não-Proprietários
LAPS (apego)	61,00	-
	54 - 65	
CES-D (sintomas depressivos)	14,00	17,00
	7 - 24	8 - 24,75
2-WAY SSS (suporte social)	90,00	86,00
	78 - 96	72,25 - 94,00
EMSV (satisfação de vida)	23,00	23,00
	16 - 28	17 - 27,75

^a IIQ: intervalo interquartílico.

Em relação às diferenças entre grupos de proprietários e não-proprietários de animais de companhia nas variáveis pesquisadas, encontrou-se diferença significativa somente na percepção de suporte social ($U=27883,500$, $p=0,016$; $d=0,19$), com os proprietários apresentando maior escore na escala 2-WAY SSS (*2-Way Social Support Scale*). Em relação aos grupos que possuem animais de companhia, donos de gatos e cães, são apresentadas medianas e intervalos interquartílicos (IIQ) nas variáveis do estudo (Tabela 2).

Tabela 2:

Medianas e IIQ's^a dos grupos de proprietários de animais de companhia

Variáveis	Medianas IIQ	Medianas IIQ
	Proprietários de Cães	Proprietários de Gatos
LAPS (apego)	65,00	55,00
	63 - 67	48 - 58
CES-D (sintomas depressivos)	14,00	13,00
	8 - 27	7 - 21
2-WAY SSS (suporte social)	91,00	89,00
	78 - 98	78 - 95
EMSV (satisfação de vida)	22,00	23,00
	16 - 28	16 - 28

^aIIQ: intervalo interquartilico.

A análise de diferenças entre grupos que relataram ter apenas gatos ou cães indicou que os donos de cães possuem nível de apego maior se comparado com os donos de gatos: ($U= 16107,000$, $p=0,008$; $d=0,26$). Ademais, considerando a análise de diferenças por nível de apego (acima x abaixo do percentil 50), os donos de cães apresentaram menos sintomas depressivos comparados com os proprietários de gatos: ($U= 31751,500$, $p=0,027$; $d=0,19$). Não foram encontradas diferenças nas demais variáveis.

5. Discussão

O objetivo deste estudo era comparar a prevalência de sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo entre proprietários e não-proprietários de animais de companhia. Além disso, buscou-se verificar se o grau de apego ao animal se relacionava com sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo.

Confirmando uma parte da hipótese inicial, os resultados mostraram que os proprietários de animais percebem mais suporte social comparado aos não proprietários de animais. Os achados deste estudo corroboram os resultados da literatura, que mostram que os animais de estimação podem ser uma fonte importante de suporte social, ajudando seus donos a evitarem a negatividade causada por uma rejeição social (McConnell et al., 2011). Além de auxiliar os donos a lidarem com os sentimentos negativos associados ao sentimento da rejeição social, os animais poderiam contribuir para um ambiente familiar mais afetuoso, melhorando a qualidade das relações familiares e aumentando a percepção de suporte social de forma global. Estudos mostram que os animais de companhia são comparados aos demais familiares e que auxiliam na melhora das relações sociais dentro da família (Souza & Faraco, 2013), estreitando o vínculo familiar.

Além disso, para além das relações familiares, os animais de companhia parecem promover novas relações interpessoais. Os proprietários de animais de estimação costumam sair mais de casa para passear com seus *pets*. Esse novo comportamento faz com que os donos de animais conheçam outras pessoas que costumam socializar com o animal de companhia, e, por consequência, com seu proprietário, aumentando as chances do dono encontrar novas pessoas para conversar em seu bairro. Estudos mostram que os animais de companhia favorecem interações sociais, aumentam as percepções de amizades locais e o senso de comunidade (Wood, Giles-Corti, Bulsara, & Bosch, 2007). As redes sociais também conectam donos de animais, podendo contribuir para que os proprietários iniciem novos vínculos sociais, reduzindo a sensação de solidão.

Ademais, o animal de estimação é uma fonte amor incondicional (Levinson, 1969), favorecendo o vínculo e a percepção de suporte social. As pessoas confiam mais em animais de companhia por estes não terem uma postura julgadora, como os humanos têm (Archer, 1997).

Corroborando a hipótese inicial de que o apego ao animal de estimação influenciaria o nível de benefícios que os animais trazem, os resultados deste estudo indicam que o apego está relacionado com menos sintomas depressivos. A literatura mostra que donos com forte

apego aos seus animais de estimação possuem menos sintomas depressivos que donos de animais que não tem um forte apego ao seu *pet* (Garrity et al., 1989). Isso sugere que o apego seria mediador de alguns benefícios que os proprietários de animais de companhia têm.

Os donos de cães, que apresentaram maior apego aos seus animais de estimação comparados aos donos de gatos, demonstraram menos sintomas depressivos. Segundo Gosling, Sandy e Potter (2010), algumas características da personalidade de pessoas que preferem cães podem ajudar a explicar essa diferença, já que estes possuem níveis mais baixos de neuroticismo se comparados às pessoas que preferem gatos. A depressão é uma das facetas do fator Neuroticismo, que é um dos Cinco Grandes Fatores da personalidade (Nunes, Hutz & Giacconi, 2009).

Além disso, o tipo de apego do dono do animal também pode fazê-lo preferir um cão ou gato. Por exemplo, pessoas que possuem apego evitativo orientando as suas relações sociais tendem a preferir gatos a cães, pois estes são mais animais mais independentes, eliciando nos donos comportamentos menos interdependentes em relação ao animal (Zilcha-Mano et al., 2011).

A personalidade dos animais também pode ter impacto nas relações com os donos e no seu nível de vínculo, já que cães são mais sociáveis, protetivos e reativos que os gatos (Menchetti, Calipari, Guelfi, Catanzaro & Diverio, 2018). Essas características podem fazer com que esses animais eliciem comportamentos mais afetivos e de proximidade, contribuindo para um melhora no vínculo com seus donos.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de proprietários e não-proprietários nas variáveis de sintomas depressivos e bem-estar subjetivo. Esses resultados podem estar associados às amostras dos estudos anteriores com animais de companhia.

A questão socioeconômica, que impacta globalmente o bem-estar das pessoas poderia ser uma das explicações para não haver diferenças entre donos e não-donos de animais de companhia no Brasil. Muitos estudos internacionais apontam que os proprietários de animais teriam maiores benefícios físicos e psicológicos por terem animais de estimação; ou seja, os benefícios seriam mais bem explicados pelos *pets*. Porém, uma crítica encontrada na literatura é de que os donos de animais de estimação teriam mais benefícios que os não-donos *em geral*, pois os primeiros teriam maiores recursos financeiros e energéticos, em princípio, e condicionalmente melhores condições físicas e psicológicas (Herzog, 2011). Isso porque, em outros países, apenas as classes sociais mais altas conseguem custear um animal de estimação.

Na Alemanha, por exemplo, o governo exige que os proprietários de animais mantenham as vacinações dos mesmos em dia e paguem impostos sobre os *pets*. Logo, apenas pessoas com uma situação financeira mais alta poderiam ter animais e esse grupo, por ter maior acesso a diversos benefícios, teriam uma qualidade de vida melhor que o grupo de menor renda, impactando os resultados das pesquisas com animais. No Brasil, não há uma vigilância do governo sobre os cuidados básicos que os donos dos animais devem ter com seus *pets*. Assim, diversas classes sociais possuem animais de companhia, provavelmente dissolvendo possíveis diferenças de nível socioeconômico entre donos e não-donos de animais de estimação e seus possíveis benefícios que seriam decorrentes de uma melhor qualidade de vida prévia a adoção dos animais.

Os animais podem servir de figuras de apego (Zilcha-Mano et al., 2011; McNicholas et al., 2005; Podberscek et al., 2000; Levinson, 1969). De acordo com (Garrity et al., 1989), o nível de apego impactaria nos benefícios que os donos de animais de estimação podem ter em relação aos não donos. O presente estudo corrobora parte da literatura, mostrando que os sintomas depressivos tiveram diferenças significativas de acordo com o nível de apego dos donos de animais de companhia. A percepção de suporte social e o bem-estar subjetivo não obtiveram resultados significativos.

A magnitude do efeito dos resultados deste estudo foi considerada pequena. Considerando essa magnitude de efeito, que pode acarretar em resultados pouco confiáveis (Ioannidis, 2005), sugerem-se outros estudos para que as hipóteses possam ser corroboradas.

6. Limitações e Estudos Futuros

Este estudo teve algumas limitações. Primeiramente, a amostra foi selecionada por conveniência, sendo a maioria dos voluntários do sexo feminino, limitando a generalização. Porém, essa amostra ofertou maior diversidade se comparado a estudos onde todos os participantes são universitários, que são comuns em muitas pesquisas na área da psicologia, sendo esta um diferencial.

Em segundo lugar, o estudo utilizou apenas proprietários de cães e gatos, limitando os resultados para donos de outros animais. Embora cães e gatos sejam os animais de estimação mais comuns encontrados na sociedade, sendo que este estudo reflete o que se espera encontrar na população, essa característica ainda limita os resultados. Pesquisas futuras são fundamentais para avaliar se essas descobertas seriam replicadas para outros animais de companhia, como *hamsters* e tartarugas, citados neste estudo.

Em terceiro lugar, este estudo não considerou a personalidade dos animais, que poderia ser feito por meio de observação do comportamento do animal, nem a de seus donos. A personalidade dos donos e/ou dos animais poderia influenciar a forma como essa relação se desenvolve. Por exemplo, um animal mais agressivo poderia eliciar menos comportamentos de proximidade com seu dono; por outro lado, um proprietário mais carinhoso poderia ter comportamentos mais afetuosos e de proximidade com seu animal de companhia. Essas características poderiam interferir na qualidade do vínculo entre ambos. Os próximos estudos devem considerar a personalidade dos donos e/ou dos animais de estimação para entender se a personalidade pode influenciar no apego entre humanos e animais de companhia.

7. Conclusão

Este estudo buscou comparar a prevalência de sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo entre proprietários e não-proprietários de animais de companhia. Ademais, buscou-se verificar se o grau de apego ao animal se relacionava com sintomas depressivos, percepção de suporte social e bem-estar subjetivo.

Os resultados sugerem que os animais de companhia proporcionam maior percepção de suporte social para seus donos, podendo melhorar as relações sociais dos proprietários com outras pessoas (Wood et al., 2007). Sendo assim, possuir um animal de estimação poderia ser uma forma de promover melhor qualidade de vida, visto que o apoio social é um fator importante de promoção e prevenção de saúde.

Além disso, os donos de cães se mostraram mais apegados aos seus animais se comparados aos donos de gatos. Os resultados apontam que os donos de cães, que são mais apegados aos seus animais, teriam menos sintomas depressivos que os donos de felinos.

Considerando esses resultados, ter um *pet* impactaria em uma melhora na qualidade de vida, visto que poderia aumentar a percepção de suporte social e influenciaria na diminuição dos sintomas depressivos. Sendo assim, ter um animal de estimação faria os donos se sentirem menos solitários por ter a companhia do *pet* e pelo incentivo indireto que o animal traria para o dono em relação às práticas sociais entre seres humanos.

Tendo em vista esse relacionamento satisfatório entre humanos e animais, a terapia com animais (*pet therapy*) vem sendo explorada em todo o mundo. Há estudos que mostram que a terapia com animais pode reduzir a reatividade ao estresse (Ein, Li & Vickers, 2018), proporcionar um suporte social e o estabelecimento de novas relações sociais (Adamle, Riley & Carlson, 2009) além de impactar positivamente na qualidade de vida dos idosos (Paloski, Schutz, Gonzatti, Santos, Argimon & Irigaray, 2018). Visto que o vínculo com o animal pode ser um fator importante para os benefícios que os *pets* podem proporcionar aos donos, as práticas terapêuticas que utilizam animais poderiam promover maiores benefícios aos pacientes se as intervenções fossem programadas com encontros mais frequentes do que uma sessão de terapia semanal usual (promove cerca de um encontro semanal), a fim de proporcionar um tempo maior do paciente com o animal. Dessa forma, os pacientes teriam uma melhor oportunidade de conseguir formar um bom vínculo. Essa relação mais estreita com o animal aumentaria a chance desse paciente usufruir de benefícios semelhantes aos que os donos de *pets* têm.

Como mostrou este estudo, os proprietários de animais mostraram-se mais apegados aos seus cães comparados aos donos de gatos, o que pode sugerir um vínculo mais estreito. Os cães, por serem mais sociáveis, protetivos e reativos (Menchetti et al., 2018) poderiam ser mais susceptíveis ao treinamento e ao contato terapêutico na prática clínica.

Referências

- Adamle, K., Riley, T., & Carlson, T. (2009). Evaluating College Student Interest in Pet Therapy. *Journal Of American College Health, 57*(5), 545-548. doi: 10.3200/jach.57.5.545-548
- Allen, K. (2003). Are pets a healthy pleasure? The influence of pets on blood pressure. *Current Directions in Psychological Science, 12*, 236–239.
- Allen, K., Blascovich, J., & Mendes, W. B. (2002). Cardiovascular reactivity and the presence of pets, friends, and spouses: The truth about cats and dogs. *Psychosomatic Medicine, 64*, 727–739.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. (5ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Andrade, L., Caraveo-anduaga, J., Berglund, P., Bijl, R., Graaf, R., & Vollebergh, W. et al. (2003). The epidemiology of major depressive episodes: results from the International Consortium of Psychiatric Epidemiology (ICPE) surveys. *International Journal Of Methods In Psychiatric Research, 12*(1), 3-21. <http://dx.doi.org/10.1002/mpr.138>
- Archer, J. (1997). Why do people love their pets? *Evolution and Human Behavior, 18*, 237–259.
- Bastianello, M. R. (2015). *Implicações do Otimismo, Autoestima e Suporte Social Percebido na Qualidade de Vida de Mulheres com Câncer de Mama* (Doutor). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Batistoni, S. S., Neri, A. L. & Cupertino, A. P. (2010). Validade e confiabilidade da versão brasileira da Center for Epidemiological Scale – Depression (CES-D) em estudantes brasileiros. *Psico-USF, 15*(1), 13-22.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo* (2a ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bradshaw, J. W. S., & Paul, E. S. (2010). Could empathy for animals have been na adaptation in the evolution of Homo sapiens? *Animal Welfare, 19* (Suppl.), 107–112.
- Budge, C. R., Spicer, J., Jones, B., & St. George, R. (1998). Health correlates of compatibility and attachment in human-companion animal relationships. *Society & Animals, 6*, 219–234. <http://dx.doi.org/10.1163/156853098X00168>
- Caplan, G. (1974). *Social Systems and Community Mental Health*. New York: Basic Books.
- Carlisle-Frank, P., & Frank, J. M. (2006). Owners, guardians, and owner-guardians: Differing relationships with pets. *Anthrozoös, 19*, 225–242. <http://dx.doi.org/10.2752/089279306785415574>
- Cassel, J. (1976). The Contribution of the Social Environmentto Host Resistance. *American Journal of Epidemiology, 104*, 107-123.

- Cobb, S. (1976). Social Support as a Moderator of Life Stress. *Psychosomatic Medicine*, 38(5), 300-314.
- Cohen, S. (2004). Social Relationships and Health. *American Psychologist*, 1, 676-684.
- Conboy, J. E. (2003). Algumas Medidas Típicas Univariadas da Magnitude do Efeito. *Análise Psicológica*, 2(XXI), 145-158.
- Davis, S. & Valla, F. R. (1978). Evidence for the domestication of the dog 12,000 years ago in the Natufian of Israel. *Nature*, 276, 608–610.
- Departamento de Informática do SUS. (2012). Acesso em abril de 2018. Disponível em <http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/512-saude-publica-em-alerta-no-brasil-mortes-por-depressao-crescem-mais-de-700-em-16-anos-mostram-dados-do-datasus>
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542-575.
- Diener, E. (1994). Assessing subjective well-being: progress and opportunities. *Social Indicators Research*, 31(2), 103-157.
- Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2002). Very happy people. *Psychological Science*, 13, 81–84.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. (2003). Personality, Culture, and Subjective Well-Being: Emotional and Cognitive Evaluations of Life. *Annual Review Of Psychology*, 54(1), 403-425. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145056>
- Ein, N., Li, L., & Vickers, K. (2018). The effect of pet therapy on the physiological and subjective stress response: A meta-analysis. *Stress And Health*. doi: 10.1002/smi.2812
- Faure E, Kitchener A (2009) An archaeological and historical review of the relationships between felids and people. *Anthrozoos*, 22(3), 221–238
- Filho, N. H. & Teixeira, M. A. P. (2011). A estrutura fatorial da escala CES-D em estudantes universitários brasileiros. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 91-97.
- Fratiglioni, L., Want, H., Ericsson, K., Mayyton, M., & Winblad, B. (2000). Influence of social network on occurrence of dementia: A community based longitudinal study. *The Lancet*, 355, 1315–1319.
- Friedmann, E., Katcher, A. H., Lynch, J. J., & Thomas, S. A. (1980). Animal companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit. *Public Health Reports*, 95, 307–312.
- Fritz, C. O., Morris, P. E., & Richler, J. J. (2012). Effect size estimates: Current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(1), 2-18. <https://doi.org/10.1037/a0024338>
- Garrity, T. F., Stallones, L., Marx, M. B., & Johnson, T. P. (1989). Pet ownership and attachment as supportive factors in the health of the elderly. *Anthrozoös*, 3, 35–44. <http://dx.doi.org/10.2752/089279390787057829>

- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S. (2008). Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: estudos de construção e validação. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 25(1), 23-35.
- Giacomoni, C. H. (2002). Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação. *Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre.
- Gilbey, A., McNicholas, J., & Collis, G. M. (2007). A longitudinal test of the belief that companion animal ownership can help reduce loneliness. *Anthrozoös*, 20, 345–353.
- Gomide, S. J., Guimarães, L. C., & Damásio, L. F. Q. (2004) Construção e validação de um instrumento de medida de percepção de suporte social no trabalho. *II Seminário de Pesquisa do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Bem-estar e Suporte Social e Trabalho*, Uberlândia.
- Gosling, S., Sandy, C., & Potter, J. (2010). Personalities of Self-Identified “Dog People” and “Cat People”. *Anthrozoös*, 23(3), 213-222. doi: 10.2752/175303710x12750451258850
- H. Herzog. (2011). The Impact of Pets on Human Health and Psychological Well-Being: Fact, Fiction, or Hypothesis? *Current Directions in Psychological Science*, 20, 236–239.
- Hare, B., Brown, M., Williamson, C., & Tomasello, M. (2002). The domestication of social cognition in dogs. *Science*, 298, 1634–1636. <http://dx.doi.org/10.1126/science.1072702>
- Headey, B., & Grabka, M. (2006). Pets and Human Health in Germany and Australia: National Longitudinal Results. *Social Indicators Research*, 80(2), 297-311. <http://dx.doi.org/10.1007/s11205-005-5072-z>
- Hopp, H., Shallcross, A., Ford, B., Troy, A., Wilhelm, F., & Mauss, I. (2013). High cardiac vagal control protects against future depressive symptoms under conditions of high social support. *Biological Psychology*, 93(1), 143-149. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biopsycho.2013.01.004>
- Howell, R., Kern, M., & Lyubomirsky, S. (2007). Health benefits: Meta-analytically determining the impact of well-being on objective health outcomes. *Health Psychology Review*, 1(1), 83-136. <http://dx.doi.org/10.1080/17437190701492486>
- Hu, Y., Hu, S., Wang, W., Wu, X., Marshall, F., & Chen, X. et al. (2013). Earliest evidence for commensal processes of cat domestication. *Proceedings Of The National Academy Of Sciences*, 111(1), 116-120. doi: 10.1073/pnas.1311439110
- Huebner, E. S. (1994). Preliminary development and validation of a multidimensional life satisfaction scale for children. *Psychological Assessment*, 6(2), 149-158.
- Hupcey, J. E. (1998). Social support: Assessing conceptual coherence. *Qualitative Health Research*, 8, 304–318.
- IBGE. (2013). População de animais de estimação no Brasil. 2013. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: abril. 2003.

- Ioannidis, J.P.A. (2005). Why most published research findings are false. *PLoS Medicine*, 2, 696–701.
- Johnson, T., Garrity, T., & Stallones, L. (1992). Psychometric Evaluation of the Lexington Attachment to Pets Scale (Laps). *Anthrozoös*, 5(3), 160-175. <http://dx.doi.org/10.2752/089279392787011395>
- Kanat-Maymon, Y., Antebi, A., & Zilcha-Mano, S. (2016). Basic psychological need fulfillment in human–pet relationships and well-being. *Personality And Individual Differences*, 92, 69-73. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.12.025>
- Levinson, B. M. (1969). *Pet-oriented child psychotherapy*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Martins, M. F., Pieruzzi, P. A. P., Santos, J. P. F., Brunetto, M. A., Fruchi, V. M., Ciari, M. B., Luppi, M. J. R. & Zoppa, L. M. (2013). Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. *Braz. J.Vet.Res.Anim.Sci*, 50(5). <http://www.revistas.usp.br/bjvras/article/viewFile/79925/83866>
- McConnell, A., Brown, C., Shoda, T., Stayton, L., & Martin, C. (2011). Friends with benefits: On the positive consequences of pet ownership. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 101(6), 1239-1252. <http://dx.doi.org/10.1037/a0024506>
- McNicholas, J., Gilbey, A., Rennie, A., Ahmedzai, S., Dono, J.- A., & Ormerod, E. (2005). Pet ownership and human health: A brief review of evidence and issues. *British Medical Journal*, 331, 1252–1254. [http:// dx.doi.org/10.1136/bmj.331.7527.1252](http://dx.doi.org/10.1136/bmj.331.7527.1252)
- Menchetti, L., Calipari, S., Guelfi, G., Catanzaro, A., & Diverio, S. (2018). My Dog Is Not My Cat: Owner Perception of the Personalities of Dogs and Cats Living in the Same Household. *Animals*, 8(6), 80. doi: 10.3390/ani8060080
- Mithen, S. (1999). The hunter-gatherer pre history of human-animal interactions. *Anthrozoös* 12: 195-204.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 315-325. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2006000300003>
- Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100009&lng=en&tlng=pt
- Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. (2018). Tema do Dia Mundial da Saúde de 2017, depressão é debatida por especialistas em evento na OPAS/OMS. *Pan American Health Organization / World Health Organization*. Acesso em abril de 2018. Disponível em http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5391:tema-do-dia-mundial-da-saude-de-2017-depressao-e-debatida-por-especialistas-em-evento-na-opas-oms&Itemid=839

- Ornelas J. (1994). Suporte Social: Origens, conceitos e áreas de intervenção. *Análise psicológica*, 2(12), 333-339.
- Paloski, L., Schutz, K., Gonzatti, V., Santos, E., Argimon, I., & Irigaray, T. (2018). Efeitos da Terapia Assistida por Animais na Qualidade de Vida de Idosos: uma Revisão Sistemática. *Contextos Clínicos*, 11(2). doi: 10.4013/ctc.2018.112.03
- Parslow, R. A., Jorm, A. F., Christensen, H., & Rodgers, B. (2005). Pet ownership and health in older adults: Findings from a survey of 2,551 community-based Australians aged 60–64. *Gerontology*, 51, 40–47.
- Platt, J., Lowe, S., Galea, S., Norris, F., & Koenen, K. (2016). A Longitudinal Study of the Bidirectional Relationship Between Social Support and Posttraumatic Stress Following a Natural Disaster. *Journal Of Traumatic Stress*, 29(3), 205-213. <http://dx.doi.org/10.1002/jts.22092>
- Podberscek, A. L., & c, S. D. Gosling (2000). Personality research on pets and their owners: Conceptual issues and review. In A. L. Podberscek, E. S. Paul, & J. A. Serpell (Eds.), *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets* (pp. 143-167). New York, NY, US: *Cambridge University Press*.
- Podberscek, A. L., Paul, E. S., & Serpell, J. A. (Eds.). (2000). *Companion animals and us: Exploring the relationships between people and pets*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Radloff, L. S. (1977). The CES-D Scale: A self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurement*, 1, 385-401.
- Ramires, V., & Schneider, M. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(1), 25-33. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722010000100004>
- Rodriguez, M. S. & Cohen, S. (1998). Social support. *Encyclopedia of Mental Health*, 3, 535-544.
- Schestatsky, G. (2002). *Desempenho de uma escala de rastreamento de depressão (CES-D) em usuários de um serviço de cuidados primários de saúde de Porto Alegre (Mestre)*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Scorza, F. A.; Guerra, A. B. G.; Cavalheiro, E. A.; Calil, H. M. (2005). Neurogênese e depressão: etiologia ou nova ilusão? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(3), 249-253.
- Shakespeare-Finch, J., & Obst, P. (2011). The Development of the 2-Way Social Support Scale: A Measure of Giving and Receiving Emotional and Instrumental Support. *Journal Of Personality Assessment*, 93(5), 483-490. <http://dx.doi.org/10.1080/00223891.2011.594124>
- Shiloh, S., Sorek, G., & Terkel, J. (2003). Reduction of state-anxiety by petting animals in a controlled laboratory experiment. *Anxiety, Stress, and Coping*, 16, 387–395. <http://dx.doi.org/10.1080/1061580031000091582>

- Siegel, J. M., Angulo, F. J., Detels, R., Wesch, J., & Mullen, A. (1999). AIDS diagnosis and depression in the Multicenter AIDS Cohort Study: The ameliorating impact of pet ownership. *AIDS Care, 11*, 157–170. <http://dx.doi.org/10.1080/09540129948054>
- Siqueira, M.M.M., & Gomide, S. J. (2008) Suporte no trabalho. In: Siqueira, M.M.M. (Org.) *Medidas do Comportamento Organizacional: Ferramentas de diagnóstico e de gestão*. Porto Alegre: Artmed.
- Souza, C. G., & Faraco, C. B. (2013). Repercussões do animal de companhia na vida social das famílias humanas. *Universo Acadêmico, 6*(1).
- Stice, E., Ragan, J., & Randall, P. (2004). Prospective relations between social support and depression: Differential direction of effects for parent and peer support? *Journal of Abnormal Psychology, 113*, 155–159.
- Tchernov, E. & Valla, F. (1997). Two new dogs and other Natufian dogs from the southern Levant. *Science 14*, 65–95.
- Thoits, P.A. (1982). Conceptual, Methodological and Theoretical Problems in Studying Social Support as a Buffer against Life Stress. *Journal of Health and Social Behaviour, 23*, 145-159.
- Thomas, J. L. & Brantley, P. J. (2004). Factor structure of the Center for Epidemiologic Studies Depression Scale in low-income women attending primary care clinics. *European Journal of Psychological Assessment, 20*(2), 106-115.
- Thomas, K. (1983). *Man and the Natural World: Changing Attitudes in England 1500–1800*. London, UK: Allen Lane.
- Vigne JD, Guilaine J, Debue K, Haye L, Gérard P (2004) Early taming of the cat in Cyprus. *Science, 304*(5668), 259.
- Wilson, C. C. (1991). The pet as anxiolytic intervention. *Journal of Nervous and Mental Disease, 179*, 482–489. <http://dx.doi.org/10.1097/00005053-199108000-00006>
- Wood, L., Bosch, D., Bulsara, M., & Giles-Corti, B. (2007). More Than a Furry Companion: The Ripple Effect of Companion Animals on Neighborhood Interactions and Sense of Community. *Society & Animals, 15*(1), 43-56. doi: 10.1163/156853007x169333
- Zilcha-Mano, S., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2011). An attachment perspective on human–pet relationships: Conceptualization and assessment of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality, 45*(4), 345-357. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2011.04.001>

Anexo A - Informações Gerais

Qual é o seu gênero?

feminino masculino outro (especifique)_____

Qual a sua idade (em anos)?

() anos

Você tem algum animal de estimação (pet)?

sim não

Se a resposta era afirmativa, a pessoa seguia com o questionário a seguir, inteiro; se a resposta era negativa, o(a) voluntário(a) não responderia as próximas perguntas sobre animais e nem a escala sobre apego animal, passando diretamente para as escalas de sintomas depressivos, suporte social e bem-estar.

Quantos animais de estimação você tem?

1 2 3 4 5 mais que 5

Qual é o tipo de animal de estimação que você tem?

cachorro(a) gato(a) outro (especifique)_____

Pense em seu animal de estimação que está há mais tempo com você. Há quanto tempo você o tem?

menos de 1 ano 1 ano a 2 anos 2 anos a 5 anos

5 anos a 10 anos mais de 10 anos

Anexo B - LAPS - Lexington Attachment to Pets Scale

Responda este questionário levando em conta o animal com o qual você viveu mais tempo. Responda usando as seguintes opções: Discordo totalmente = 0; Discordo um pouco = 1; Concordo um pouco = 2; Concordo totalmente = 3.

Meu Pet significa mais para mim que alguns amigos			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Confio completamente em meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Acredito que o Pet tenha os mesmos direitos e privilégios que membros da família			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Acredito que meu Pet é meu melhor amigo			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Frequentemente meus sentimentos pelas pessoas são afetados pela forma com que reagem ao meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Amo meu Pet porque ele é mais leal que muitas pessoas			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente

Aprecio mostrar para outras pessoas fotos do meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Acho que meu Pet é apenas um animal de estimação			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Amo meu Pet porque ele nunca me julga			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Meu Pet sabe quando estou me sentindo mal			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Frequentemente falo com outras pessoas sobre meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Meu Pet me compreende			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Amar meu Pet me ajuda a permanecer saudável			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente

Pets merecem tanto respeito quanto um ser humano			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Meu Pet e eu temos um relacionamento próximo			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Faria quase qualquer coisa pelo meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Brinco com meu Pet quase sempre			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Considero meu Pet como um grande companheiro			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Meu Pet me faz sentir feliz			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Eu sinto que meu Pet é parte da minha família			

0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Eu não sou muito apegado ao meu Pet			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Possuir um Pet adiciona felicidade			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente
Eu considero meu Pet um amigo			
0 discordo totalmente	1 discordo um pouco	2 concordo um pouco	3 concordo totalmente

Anexo C - CES-D - Center for Epidemiologic Studies – Depression

Abaixo há uma lista de sentimentos e comportamentos. Por favor, assinale a frequência com que lhe ocorreram na última semana.

Raramente ou nunca (menos que 1 dia)

Poucas vezes (1-2 dias)

Às vezes (3-4 dias)

Quase sempre ou sempre (5-7 dias)

Durante a última semana:

Eu me chateei por coisas que normalmente não me chateavam			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Não tive vontade de comer; estava sem apetite			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Sinto que não consegui me livrar da tristeza mesmo com a ajuda da minha família ou dos meus amigos			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me senti tão bem quanto as outras pessoas			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu tive problemas para manter a concentração (prestar atenção) no que estava fazendo			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me senti deprimido			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Sinto que tudo que eu fiz foi muito custoso			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)

Eu me senti com esperança em relação ao futuro			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu pensei que minha vida tem sido um fracasso			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me senti com medo			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Meu sono esteve agitado			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu estive feliz			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu conversei menos que o meu normal			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me senti sozinho			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
As pessoas não foram amigáveis			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me diverti			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu tive crises de choro			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre

			(5-7 dias)
Eu me senti triste			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu senti que as pessoas não gostam de mim			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)
Eu me senti desanimado			
Raramente ou nunca (menos que 1 dia)	Poucas vezes (1-2 dias)	Às vezes (3-4 dias)	Quase sempre ou sempre (5-7 dias)

Anexo D - 2-WAY SSS - 2-Way Social Support Scale

As frases a seguir referem-se à sua experiência de dar e receber suporte social. Por favor, leia cada afirmação e, em seguida, indique o quanto a declaração se aplica a você, sendo (0) nunca se aplica e (5) sempre se aplica. Não existem respostas certas ou erradas. O importante é você responder com sinceridade como se sente com relação a cada uma das frases.

Eu tenho alguém com quem posso conversar sobre as pressões da minha vida					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Existe pelo menos uma pessoa com quem eu posso partilhar a maioria das coisas					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Quando eu estou me sentindo para baixo, existe alguém com quem posso contar					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Existe uma pessoa em minha vida que me dá suporte emocional					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Existe pelo menos uma pessoa em quem sinto que posso confiar					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Existe alguém em minha vida que me faz sentir que tenho valor					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu sinto que tenho um círculo de pessoas que me valorizam					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Sou uma pessoa disponível para escutar os problemas dos outros					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu procuro animar as pessoas quando elas estão se sentindo para baixo					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
As pessoas próximas a mim me contam suas preocupações mais temidas					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica

Eu conforto aos outros em momentos difíceis					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
As pessoas confiam em mim quando elas tem problemas					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Se eu estiver com problemas alguém irá me socorrer					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu tenho alguém para me ajudar quando eu estou doente					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Se eu precisar de dinheiro, conheço alguém que pode me ajudar					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Existe alguém que pode me ajudar a cumprir minhas responsabilidades quando eu não consigo					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu ajudo os outros quando eles estão muito ocupados					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu ajudei alguém com suas responsabilidades quando ele não conseguiu realiza-las					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Quando alguém que morava comigo esteve doente eu ajudei					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu sou uma pessoa que os outros solicitam para ajudar com tarefas					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica
Eu dou dinheiro para as pessoas que fazem parte da minha vida					
0 nunca se aplica	1	2	3	4	5 sempre se aplica

Anexo E - Escala de Satisfação de Vida

Abaixo você encontrará cinco afirmativas. Assinale na escala abaixo de cada afirmativa o quanto ela descreve a sua situação pessoal. Não há repostas certas ou erradas, mas é importante você marcar com sinceridade como você se sente com relação a cada uma dessas afirmativas.

1) A minha vida está próxima do meu ideal.

Discordo parcialmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
-----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

2) Minhas condições de vida são excelentes.

Discordo parcialmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
-----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

3) Eu estou satisfeito com a minha vida.

Discordo parcialmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
-----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

4) Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida.

Discordo parcialmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
-----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

5) Se eu pudesse viver com a minha vida de novo eu não mudaria quase nada.

Discordo parcialmente	1	2	3	4	5	6	7	Concordo plenamente
-----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

Anexo F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar como voluntário do estudo “Benefícios Psicológicos dos Animais de Companhia”. Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Juliana Cardoso Stum, graduanda em psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com orientação da Profa. Dra. Cláudia Hofheinz Giacomoni, professora do departamento de Psicologia do Desenvolvimento e Personalidade e coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicologia Positiva.

Este estudo tem como objetivo a realização de uma pesquisa sobre as características de proprietários e não-proprietários de animais de companhia. A importância desta é contribuir para novos estudos brasileiros que explorem também os possíveis benefícios de se ter um animal de estimação e seus impactos em seus donos.

Neste estudo, você será solicitado(a) a preencher 1 escala que mede o nível de apego com o seu animal de estimação (caso você seja dono(a) de um animal), 1 escala que avalia sintomas depressivos, 1 escala que mede suporte social, 1 escala que mede satisfação de vida, além de um breve questionário com informações como gênero e idade e uma pergunta dissertativa sobre seu relacionamento com seu animal de estimação (caso você seja dono(a) de um animal). O questionário leva cerca de 10 minutos para ser respondido. Você não será identificado(a) em momento algum e pode se recusar a participar ou desistir de sua participação a qualquer momento da pesquisa, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

A participação nesse estudo é isenta de despesas e não implicará na obtenção de ganhos diretos dele advindos, mas você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. A presente pesquisa não pretende causar nenhum tipo de desconforto físico ou psicológico ao/à participante, envolvendo risco mínimo. Caso se sinta desconfortável com as perguntas, encerre sua participação e sinta-se à vontade para entrar em contato com a pesquisadora, que poderá encaminhá-lo(a) para algum atendimento especializado. Lembre-se de que não existem respostas certas nem erradas. Apenas queremos conhecer mais sobre aspectos de sua satisfação com a vida, sintomas depressivos, suporte social e, no caso de você ter um animal de estimação, gostaríamos de saber mais sobre esse relacionamento.

As informações coletadas na pesquisa serão mantidas em arquivo digital, por pelo menos cinco anos, sob guarda dos pesquisadores do Núcleo de Estudos em Psicologia Positiva (NEPP), situado na sala 124 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), localizado na rua Ramiro Barcelos, 2600 - Térreo - Cep – 90035003.

Ressalta-se que esta pesquisa está em consonância com os Critérios de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução no 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Os resultados deste estudo poderão ser, eventualmente, publicados, mas será mantido sigilo de informações no que tange à identificação dos/as participantes. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo e-mail juliana.stum@gmail.com, telefone (51) 33085338 ou ainda pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, localizado no endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2777, bairro Santa Cecília. Contato através do telefone: (51)33085968 / (51)33085066; ou email: cep-psico@ufrgs.br

Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Não concordo em participar do estudo.